

## **Identidade e Educomunicação: um estudo da produção acadêmica no Encontro de Educomunicação da Região Sul do país<sup>1</sup>**

Daniéli H. ANTONELLO<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Santa Maria, RS

### **Resumo**

A Educomunicação, já é estudada em todo o país desde 1989, quando o Departamento de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), iniciava sua trajetória de estudos e pesquisas até 1999, quando pesquisadores apontavam para a emergência de um novo campo – interdisciplinar e autônomo – de intervenção social, então denominado Educomunicação. Desde então, muitos eventos e congressos são realizados nesta área. Tendo isso em conta, este artigo pretende discutir a identidade do Encontro de Educomunicação da Região Sul do país. O recorte é composto pelos artigos publicados no período de 2012 e 2013. Trata-se de uma pesquisa quali-quantitativa. Como resultados finais, neste artigo, estão traçadas as temáticas mais recorrentes e relevantes apontadas pelos pesquisadores a partir das áreas de intervenção definidas por Soares (2011).

**Palavras-chave:** identidade; educomunicação; produção acadêmica.

### **INTRODUÇÃO**

Os estudos na inter-relação comunicação/educação, atualmente denominada Educomunicação, datam mais de 20 anos de pesquisa no país. Pioneira na temática no Brasil, a Universidade de São Paulo, através do Departamento de Comunicações e Artes da Escola de Comunicações e Artes (CCA-ECA/USP) iniciou a trajetória de pesquisas em 1989 através do I Curso de Especialização em Comunicação e Educação que envolveu praticamente todos os docentes do departamento e, em duas edições, até 1991 formou 80 especialistas. Em seguida, em 1993, cria-se o Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Gestão de Processos Comunicacionais onde o tema comunicação/educação foi inserido na grade curricular. No ano seguinte, o mesmo curso criou a Revista Comunicação e Educação, o primeiro periódico voltado para as questões da inter-relação e que se tornou um dos principais veículos de estudo e pesquisa no campo da Educomunicação atualmente no Brasil.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, e-mail: [daniantonello@hotmail.com](mailto:daniantonello@hotmail.com).

Em 1996, foi constituído o Núcleo de Comunicação e Educação (NCE), vinculado ao Departamento de Comunicações e Artes da Escola de Comunicações e Artes (CCA-ECA/USP). Entre 1997 e 1999 o NCE realizou uma pesquisa, orientada pelo Prof. Dr. Ismar de Oliveira Soares, junto com 176 especialistas de 12 países da América Latina, sobre a natureza da inter-relação comunicação/educação. A pesquisa detectou fortes indícios que apontavam para a emergência de um novo campo – interdisciplinar e autônomo – de intervenção social, então denominado Educomunicação. Os resultados desta pesquisa foram publicados no Brasil em 1999 pela extinta Revista Contato, em Brasília e, em seguida, em outros países, como Colômbia, Estados Unidos e Itália.

Antes de encerrar a pesquisa acima mencionada, o NCE promoveu em 1998, na cidade de São Paulo, numa parceria com o SESC-SP, Itaú Cultural e o Colégio Rio Branco, o I Congresso Internacional sobre Comunicação e Educação, trazendo ao Brasil cerca de 160 especialistas de 30 países. Neste evento, pela primeira vez, o conceito de Educomunicação foi discutido fora dos muros da universidade.

A partir de 2001, o NCE passa a colher os primeiros frutos ao ser convidado a prestar serviços de assessoria no campo da Educomunicação para projetos nos âmbitos Federal, Estadual e Municipal. O sucesso desses projetos desenvolvidos gerou políticas públicas de Educomunicação, como por exemplo, a aprovação da Lei Educom, em dezembro de 2004, pela Câmara Municipal de São Paulo, que estabeleceu as modalidades do emprego do conceito por parte de Secretarias como as da Cultura, Saúde, Esporte, Meio Ambiente e Educação.

Os frutos mais recentes da área foram à implantação em 2011 da Licenciatura em Educomunicação e, em 2012, do Curso de Especialização em Educomunicação: Comunicação, Mídias e Educação, ambos oferecidos pela USP e ativos atualmente.

A partir desse panorama o presente artigo pretende verificar a identidade do campo Educomunicação – entendido como um terceiro campo que reúne comunicação e educação -, a partir dos anais do Encontro de Educomunicação da Região Sul. A pergunta que norteia este trabalho é: “quais são as temáticas mais recorrentes, relevantes e emergentes sobre o tema?” Para refletir especificamente sobre o campo a metodologia quali-quantitativo parece ser a mais adequada. A partir do levantamento de dados será feita uma seleção das palavras-chave que contenham o termo Educomunicação dos artigos publicados nos anais de 2012 e 2013. Após, os trabalhos serão classificados a partir dos resumos segundo as áreas de intervenção definidas por Soares (2011). Com esses dados, acreditamos ser possível

verificar as temáticas, que em nossa opinião, são capazes de qualificar a identidade deste novo campo, mais do que identificar quem são os sujeitos/autores destes trabalhos.

Antes de iniciar o levantamento de dados é preciso esclarecer que a Educomunicação se faz presente em vários eventos relevantes, entre eles o Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, promovido anualmente pela Intercom, como podemos ver a seguir neste trabalho.

## A EDUCOMUNICAÇÃO NA INTERCOM

A Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – surgiu bem antes dos indícios que apontavam para a emergência do novo campo da Educomunicação. Fundada em dezembro de 1977 em São Paulo, a Intercom é uma instituição sem fins lucrativos e destinada ao fomento e à troca de conhecimento entre alunos, pesquisadores e profissionais atuantes no mercado. A entidade promove durante o ano seis congressos com o intuito de estimular a pesquisa nas áreas da Ciência da Comunicação. Cinco são regionais e ocorrem em um dos estados de cada região do país (Intercom Norte, Centro-Oeste, Sul, Sudeste e Nordeste) e acontecem, sempre, no primeiro semestre de cada ano. O mais importante deles é o Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação que vem sendo organizado desde a fundação da Intercom, sem interrupções e no segundo semestre de cada ano.

Nestes eventos, os trabalhos são divididos pelos Grupos de Pesquisa (GPs) que estão agrupados por grandes áreas que são as Divisões Temáticas (DTs)<sup>3</sup>. Vejamos quais abaixo:

<b>Divisões Temáticas (DTs)</b>	<b>Grupos de Pesquisa (GPs)</b>
<b>DT 1 – Jornalismo</b>	GP Gêneros Jornalísticos GP História do Jornalismo GP Jornalismo Impresso GP Teoria do Jornalismo GP Telejornalismo
<b>DT 2 – Publicidade e Propaganda</b>	GP Publicidade e Propaganda
<b>DT 3 – RP e Comunicação Organizacional</b>	GP RP e Comunicação Organizacional
<b>DT 4 – Comunicação Audiovisual</b>	GP Cinema GP Ficção Seriada GP Fotografia GP Rádio e Mídia Sonora

<sup>3</sup> Dados disponíveis em [www.portalintercom.org.br](http://www.portalintercom.org.br).

---

	GP Televisão e Vídeo
<b>DT 5 – Multimídia</b>	GP Cibercultura GP Conteúdos Digitais e Convergências Tecnológicas
<b>DT 6 – Interfaces Comunicacionais</b>	GP Comunicação e Culturas Urbanas GP Comunicação e Educação GP Comunicação e Esporte GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade GP Comunicação, Música e Entretenimento GP Produção Editorial
<b>DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania</b>	GP Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local GP Comunicação para a Cidadania GP Geografias da Comunicação GP Mídias, Culturas e Tecnologias Digitais na América Latina
<b>DT 8 – Estudos Interdisciplinares</b>	GP Comunicação, Mídias e Liberdade de Expressão GP Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura GP Políticas e Estratégias de Comunicação GP Folkcomunicação GP Semiótica da Comunicação GP Teorias da Comunicação

---

O Grupo de Pesquisa Comunicação e Educação, situado na Divisão Temática Interfaces Comunicacionais surge em 2009, no XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, ocorrido em Curitiba, no Paraná. Antes a inter-relação comunicação/educação era trabalhada no evento através do Núcleo de Pesquisa Comunicação Educativa.

De acordo com os dados obtidos através dos anais, em 2009 os pesquisadores enviaram ao GP Comunicação e Educação 61 trabalhos. Em 2010, evento realizado em Caxias do Sul - Rio Grande do Sul foi encaminhado 32 artigos. Já em 2011 o evento ocorreu em Pernambuco – Recife e contou com 45 trabalhos inscritos. No ano seguinte, em 2012, o Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação foi realizado em Fortaleza – Ceará e contou com a participação de 52 artigos. Em 2013, o evento ocorreu em Manaus – Amazonas e recebeu 39 trabalhos. E, em 2014, o evento foi realizado em Foz do Iguaçu – Paraná e contou com a inscrição de 50 artigos.

Nestes últimos seis anos, aproximadamente 280 trabalhos foram enviados ao GP Comunicação e Educação. Os dados refletem uma produção constante e que gera contribuições científicas que fortalecem o campo da Educomunicação. Entre elas, a criação de eventos nacionais e regionais que abordam a temática. Em nível nacional, criam-se os Encontros Brasileiros de Educomunicação. A iniciativa do NCE da ECA/USP com a colaboração de outros parceiros como a Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação – APBEducom<sup>4</sup>, já desenvolveram cinco encontros, todos realizados na cidade de São Paulo. O primeiro em 2007 em parceria com o Grupo Estado de São Paulo e tendo como tema “Educomunicação: experiências aplicadas”. O segundo realizado em 2010 em parceria com a revista Comunicação e Educação da USP com o tema “Educomunicação: diálogo entre sociedade civil e universidade”. O terceiro, promovido em 2011 abordou o tema “Uma década de Educomunicação”. Já o quarto em 2012, contou com a parceria com a APBEducom abordando o tema “Protagonismo sem Fronteiras”. E o quinto e último até o momento foi realizado em 2013 sob o tema “Educação midiática e políticas públicas”, também organizado em parceria com a APBEducom.

Já no âmbito regional, surge em 2012 no Rio Grande do Sul o I Educom Sul. A iniciativa surgiu no ano anterior, quando foi constituído um grupo de trabalho (GT) sobre Educomunicação numa parceria da 8ª Coordenadoria Regional da Educação (CRE) com a Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, através do Curso de Comunicação Social. O Educom Sul é considerado o primeiro encontro que trata a educomunicação em encontros regionais do país (antes a temática era trabalhada nos eventos nacionais, como o Congresso Brasileiro de Comunicação e o Encontro Nacional de Educomunicação, vistos anteriormente neste trabalho). Após essa iniciativa, outros estados como Florianópolis e Mato Grosso começam a promover eventos em suas regiões/estados.

## **ENCONTRO DE EDUCOMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUL**

Conforme descrito acima, o I Educom Sul foi realizado em 2012, na cidade de Santa Maria, região central do Estado do Rio Grande do Sul. Em 2013 ocorreu a segunda edição

---

<sup>4</sup> Entidade de caráter educativo, científico-cultural, interdisciplinar e sem fins lucrativos. Fundada em 2011 e destinada a reunir profissionais e pesquisadores da Educomunicação.

em Ijuí, região noroeste do estado gaúcho. Nas duas edições o evento contou com a seguinte configuração:

Ano do Evento	2012	2013
Trabalhos aprovados <sup>5</sup>	30	69
Palavra-chave: Educomunicação	12	26

Selecionados os 36<sup>6</sup> artigos, classificamos os trabalhos segundo as áreas de intervenção social, que de acordo com Soares (2011, p. 48) “representam os possíveis tipos de ação a partir dos quais a comunidade é despertada para o novo, podendo perceber com mais facilidade o pensamento qualificado pela ação educacional, com ela dialogando”. É interessante destacar que as áreas de intervenção surgem a partir da pesquisa desenvolvida pelo NCE/ECA/USP que em 1999 detectou fortes indícios ao apontar para a emergência de um novo campo – interdisciplinar e autônomo – de intervenção social, então denominado Educomunicação.

[...] o novo campo, por sua natureza relacional, estrutura-se de um modo processual, midiático, transdisciplinar e interdiscursivo, sendo vivenciado na prática dos atores sociais, através de áreas concretas de intervenção social. (SOARES, 2000, p. 22).

Assim, as áreas de intervenção propostas pelo NCE/USP apresentam-se como portas de ingresso ao universo das práticas educacionais. É a partir delas que o novo campo se apresenta por meio de ações destinadas a criação e implementação de projetos para mudanças sócio-comunicativas. A seguir, listamos quais são essas áreas de intervenção de acordo com Soares (2012, p. 186-187):

1<sup>a</sup> – **“Gestão dos processos e recursos da comunicação nos espaços educativos”**: traduzida em planejamento, implementação e avaliação dos procedimentos que, enquanto garantem as condições de se estabelecer uma convivência colaborativa entre os sujeitos sociais nos espaços educativos, dão sustentação às demais áreas do campo.

2<sup>a</sup> **“Expressão comunicativa”**: potencializa o coeficiente comunicativo dos agentes do processo educativo por meio do domínio das diferentes linguagens e da apropriação das manifestações artísticas a seu alcance;

<sup>5</sup> Entre Relatos de Experiência e Comunicações Científicas.

<sup>6</sup> Dos 38 trabalhos que descrevem o termo Educomunicação nas palavras-chave, 36 são provenientes de reflexões ou práticas realizadas no âmbito do evento - região Sul do país - que compreende os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Dois trabalhos não foram contabilizados pelo motivo de ser oriundo da região sudeste do país.

Fala-se aqui do protagonismo dos sujeitos sociais na produção e veiculação de significados.

3ª **“Educação para a comunicação”**: voltada à formação para a prática sistemática da recepção midiática à luz da contribuição oferecida pelas ciências humanas como a psicologia, a sociologia, a política e a moral, privilegiando-se os contextos de produção e a análise das mediações envolvidas no processo de apropriação dos bens simbólicos.

4ª **“Mediação tecnológica nos espaços educativos”**: voltada à realidade representada pela incidência das tecnologias no cotidiano das relações entre as pessoas e a cultura, favorecendo a acessibilidade e o emprego democrático de seus recursos. A questão aqui buscada vai além da competência digital individual, pois o que se pretende é o acesso e o domínio das tecnologias por parte da comunidade, a serviço de uma gestão compartilhada e eficiente dos recursos da comunicação envolvendo as demais áreas de intervenção do campo.

5ª **“Reflexão epistemológica”**: é importante observar que o próprio esforço de repensar a relação comunicação-educação revela-se como um importante campo de atuação, denominado como a área da reflexão epistemológica, envolvendo um crescente número de especialistas.

É importante esclarecer que a classificação foi realizada a partir dos resumos e que foi considerada a área de intervenção de maior ênfase nos trabalhos selecionados.

O que chama a atenção é a predominância dos estudos destinados à “Gestão dos processos e recursos da comunicação nos espaços educativos” (55,5%). Essa área é vista como elemento vital na identidade do processo comunicativo, estando relacionada à prática do planejamento, execução e realização dos processos e procedimentos que estabelecem elos entre comunicação e educação, formando os chamados ecossistemas comunicativos. Na visão de Soares (2011, p. 46), o conceito de ecossistema comunicativo é visto “como uma meta conceitual e prática, iluminando as ações que vão sendo planejadas e revistas, envolvendo todo o cotidiano escolar”. A segunda área de intervenção que possui maior volume é a “Expressão Comunicativa” representando (19,4%) da produção dos artigos selecionados para essa pesquisa. Aqui o objetivo é estimular o potencial comunicativo dos sujeitos envolvidos no processo, aperfeiçoando as inúmeras formas de expressão, como por exemplo, a dança, a música, o teatro e o grafite. Em seguida, surge a “Mediação tecnológica nos espaços educativos” com (16,6%). Essa área traz reflexões e procedimentos sobre o uso das tecnologias da informação nos processos educativos. É interessante destacar que na pesquisa realizada por Pinheiro (2013), sobre um mapeamento das teses e dissertações disponíveis no banco de teses da Capes entre 1998 a 2011 sobre Educomunicação, a autora constatou que a mesma área de intervenção era a que tinha maior ênfase no recorte das 97 teses e dissertações selecionadas para sua pesquisa, totalizando (47%) dos trabalhos. Esses dados, inicialmente podem apresentar-se de forma antagônica, por refletirem uma resistência por parte dos pesquisadores do campo da Educomunicação da Região Sul em

atividades que trazem para dentro dos espaços educativos os meios de comunicação mediados pelas tecnologias, como por exemplo, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Por outro lado, justifica-se essa preferência de trabalhos ou reflexões que priorizam o planejamento, a implementação e avaliação de projetos a partir de meios de comunicação ditos tradicionais, como o rádio escolar e o jornal impresso por três motivos: Primeiro pela criação e manutenção do Projeto Rádio Escola que oferece oficinas educacionais desenvolvidas pelos integrantes do Grupo de Pesquisa Educom da Universidade Federal de Santa Maria, uma das promotoras e, também, sede do I Encontro de Educomunicação da Região Sul. Segundo, e nessa mesma linha de pensamento, é a consolidação do Projeto Rádio na Escola, uma proposta do Curso de Comunicação Social da Unijuí, sede da segunda edição do encontro. E terceiro, a criação em 2008 do Programa Mais Educação, que até 2013 disponibilizava as escolas participantes do macrocampo Comunicação e Uso de Mídias, kits com equipamentos contendo rádio, microsystem, mesa de som, microfone, gravador digital, fone de ouvido, caixa de som stéreo, CD/DVD, câmera digital e fotográfica, impressora, lápis, canetas, papéis, régua, filmadora, entre outros equipamentos.

Ainda sobre a classificação das áreas de intervenção, surge a quarta “Educação para a Comunicação” que concentra os interesses de (8,3%) dos pesquisadores. Fruto da leitura crítica dos meios e estudos de recepção, a área propõe consolidar a formação do senso crítico por parte dos sujeitos frente à mídia, num avanço que para Touraine (1998) significa a construção do ator social, entendido como aquele que se emancipa, intervém, crítica e propõem alternativas, deixando de lado o sujeito moldado pelos padrões sociais e obedientes às regras.

Por outro lado, vale a pena mencionar a falta de interesse dos pesquisadores do novo campo referente à área “reflexão epistemológica”, que não contou com nenhum trabalho dos 36 selecionados para essa pesquisa. Sendo assim, o resultado reflete que os pesquisadores da área possuem mais interesse pelas práticas educacionais do que com a pesquisa em busca da legitimação do campo.



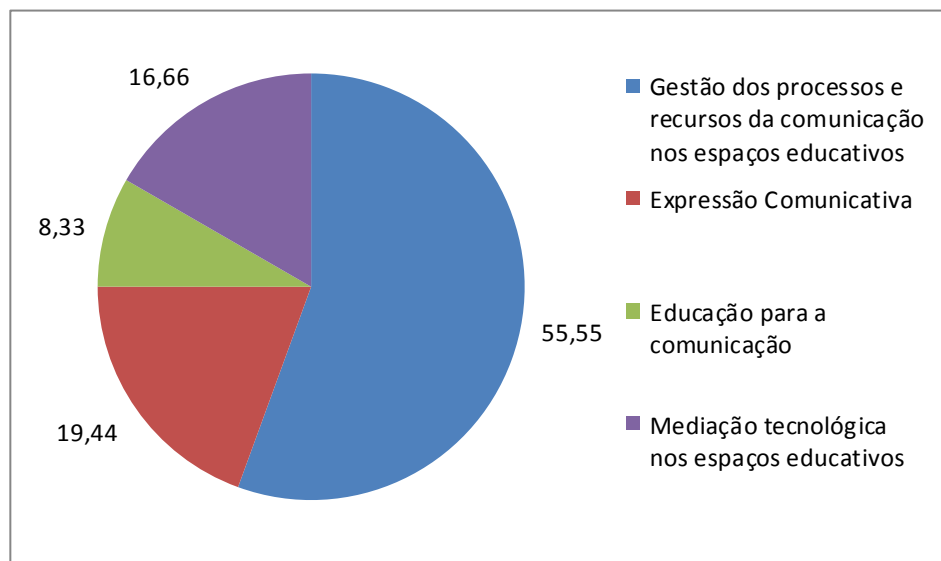


Figura 1 - Dados referentes às áreas de intervenção com maior volume de trabalhos no Encontro de Educomunicação da Região Sul no período de 2012 e 2013.

Dessa forma, os dados deste artigo mostram que para os pesquisadores do campo da Educomunicação da Região Sul do país a temática mais recorrente dentro das áreas concretas de intervenção social é a gestão da comunicação dentro dos espaços educativos, tanto nos espaços formais, quanto àqueles espaços não formais, conforme pode ser observado na Figura 1.

Nesse sentido, torna-se necessário o esforço de compreender que a identidade de um campo é uma questão de pertencimento como bem aponta Martín-Barbero (2006, p.65-66) “a identidade se constrói no diálogo e no intercâmbio, já que é aí que indivíduos e grupos se sentem desprezados ou reconhecidos pelos demais”. Na visão de Woodward (1999) a identidade é construída a partir de oposições binárias, isto é, para constituir-se precisa da outra que não é ela, que a diferencia. De nossa parte, as duas visões aplicam-se ao campo da Educomunicação. Primeiro porque o novo campo possui em seu conceito a preocupação com o diálogo, com o espaço para o conhecimento crítico e criativo, para a cidadania e a solidariedade entre os pares. E segundo porque a Educomunicação é entendida como um novo campo, isto é, não é comunicação nem educação. Ela diferencia-se das duas pelo simples fato do discurso educacional – aqui descrito como modelo tradicional – ser mais fechado, enquadrador e autorizado. Ao contrário do discurso comunicacional, que é aberto, no sentido de que está sempre à procura do novo e do diferente. Sendo assim, firma-se a Educomunicação como um terceiro campo, que vai além da suposta união entre essas duas

áreas de atuações evidenciadas pela nomenclatura. Soares (2011a, p. 21) contribui com essa discussão ao afirmar que ambas as áreas “jamais poderiam integrar-se sob a suspeita de estarem perdendo sua identidade e sua razão de ser”.

Prosseguindo nesta linha da identidade marcada pela diferença Woodward (1999, p. 12), esclarece a tensão entre a perspectiva essencialista e não essencialista sobre a identidade. De acordo com a autora a definição essencialista é o conjunto de características que todos partilham “e que não se altera ao longo do tempo”. Já a definição não essencialista focaliza as diferenças e o que “têm mudado ao longo dos séculos”. Focalizando o campo da Educomunicação, entendemos que o mesmo adota a perspectiva não essencialista, justamente pela possibilidade dos pesquisadores de divagar sobre as várias áreas de intervenção que o campo oferece, isto é, a possibilidade de que seus interesses se alterem ao longo do tempo.

Continuando na mesma linha de raciocínio, Woodward (1999) afirma que a identidade é uma construção relacional, ou seja, para existir depende de algo fora dela. Considerando que toda identidade é uma construção histórica torna-se impossível sua existência sozinha e de forma absoluta, sendo assim, construída em comparação com outras identidades. No caso da Educomunicação a identidade do campo analisada neste trabalho a partir dos pesquisadores comprova que ela é móvel, pois vai se transformando e se concretizando nas relações sociais em que são estabelecidas por esses indivíduos. Desse modo, é possível a diversidade de temas abordados, como a preferência por parte de um grupo de pesquisadores do sul do país interessados com as práticas educacionais a partir da área de gestão dos processos e recursos da comunicação nos espaços educativos, do que outros, situados em regiões diferentes do país e que priorizem práticas mediadas pela tecnologia ou então interessados na pesquisa em busca da legitimação do campo.

Essas reflexões nos levam ao encontro do que Castells (1998, p. 23), defende sobre a identidade, afirmando que “do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construída”. Sendo assim, achamos pertinente trazer para este estudo a distinção entre as três formas e origens de construção de identidades, proposta pelo autor e que levam a resultados na constituição da sociedade:

1 - **Identidade legitimadora:** introduzida pelas instituições dominantes da sociedade no intuito de expandir e racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais, tema este que está no cerne da teoria de autoridade e dominação de Sennett, e se aplica a diversas teorias do nacionalismo.

2 - **Identidade de resistência:** criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da

dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo opostos a estes últimos, conforme propõe Calhoun ao explicar o surgimento da política de identidade.

3 - **Identidade de projeto:** quando os atores sociais, utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda a estrutura social.

Em relação ao campo da Educomunicação, entendemos que entre as três formas do processo de construção de identidades, a que se aproxima é a identidade de projeto. Considerando que o novo campo propõe preparar o sujeito para ser crítico, transformando-o em produtor e não mero receptor de informações, encontramos nos estudos de Touraine (1998, p. 15), a ideia de sujeito, entendido como “[...] criador dele mesmo e, conseqüentemente, capaz de reivindicar contra todos o seu direito de existir como um indivíduo portador de direitos, e não somente em sua existência prática”. O sujeito que a educomunicação reconhece vai ao encontro desta proposta, uma vez que visa promover uma educação emancipadora e que prepara os envolvidos para pensar e desenvolver sua consciência. Na visão de Castells (1998, p. 26), “a identidade de projeto, produz sujeitos”. Sendo assim, torna-se oportuno compreender como Touraine (1998) define a construção do sujeito. O sociólogo francês divide em três momentos: a) indivíduo; b) sujeito; c) ator social. O indivíduo na visão do autor é, de maneira geral, aquele moldado pelos padrões sociais, uma figura que não passa de uma tela em branco onde são depositados desejos, necessidades, mundos imaginários a serem construídos e consumidos. O indivíduo é massificado, categorizado e coletivizado, obedecendo às regras, a ordem dos direitos e dos deveres, parte flexível, maleável e adaptável ao sistema. Já o sujeito é entendido por evocar a ideia de luta social. É aquele que se revolta contra a situação, é combatente, rebelde (mesmo não sendo possível manter-se o tempo todo opositor ou questionador). O sujeito de Touraine constitui-se o compreender de estar no mundo. Para o autor, que é reconhecido por ser um dos grandes críticos da modernidade, o sujeito é puro exercício de consciência, ele tem a necessidade do conflito para que ocorra a ação coletiva. Assim, a questão do conflito torna-se necessária na consolidação do sujeito. Em outras palavras, o sujeito é a vontade de ser, de constituir-se ator social.

Concluindo o processo, emerge da emancipação o ator social, entendido como “a vontade de um indivíduo de agir e de ser reconhecido como ator” (Touraine, 1994, p. 220). Em outras palavras o ator social é aquele que intervém, crítica e propõe alternativas. Enfim, ao emancipar-se não limita-se.

Assim é reconhecido o ator social de Touraine dentro da identidade de projeto desenvolvida por Castells, uma vez que há possibilidade de construção de uma nova identidade, capaz de redefinir sua posição na sociedade e, conseqüentemente, buscar a transformação de toda a estrutura social.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esse trabalho é um recorte composto de 36 artigos publicados no período de 2012 e 2013 nos anais do I e II Encontro de Educomunicação da Região Sul do país. É importante salientar que, em outras pesquisas, outras áreas de intervenção podem ter sido abordadas.

A partir deste recorte foi possível identificar quais foram às temáticas mais relevantes e recorrentes por parte dos pesquisadores da região sul do país a partir das áreas de intervenção propostas por Soares (2012). Entre os dados obtidos, destacamos dois: primeiro, o volume considerável de trabalhos que estão preocupados com a “Gestão dos processos e recursos da comunicação nos espaços educativos” (55,5%). Segundo, a falta de interesse por parte dos pesquisadores sobre a área “reflexão epistemológica”, que não contou com nenhum trabalho dos 36 selecionados para essa pesquisa. Nesse sentido, os dados refletem que os pesquisadores da área possuem mais interesse pelas práticas educacionais, a partir dos meios de comunicação ditos tradicionais, do que com a pesquisa em busca da legitimação do campo.

Quanto a esta questão é prudente dizer que as identidades são certamente construídas de muitos componentes. No caso da Educomunicação não poderia ser diferente. Como novo campo, preocupado em promover uma educação que prepare o sujeito para pensar e desenvolver sua consciência crítica, já não é mais visto só como comunicação, ou só como educação, mas sim um terceiro, que surge da interação entre esses dois outros campos bastante conhecidos e extremamente consolidados.

Nesse sentido, neste trabalho, foi possível identificar que o campo da educomunicação possui em seu cerne a identidade de projeto proposta por Castells (1998), por entender que através dos atores sociais existe a possibilidade de construir novas identidades capazes de redefinir e dar outros sentidos de suas posições na sociedade e, conseqüentemente, de buscar a transformação de toda a estrutura social, isto é levando em conta a participação dos envolvidos e indo ao encontro da ação, um dos objetivos da educomunicação.

## REFERÊNCIAS

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

MARTÍN-BARBERO, J. **Tecnicidades, identidades, alteridades**: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Denis de. (org). Sociedade Midiatizada. Rio de Janeiro: Muad, 2006.

SOARES, I. **Educomunicação**: as múltiplas tradições de um campo emergente de intervenção social, na Europa, Estados Unidos e América Latina. São Paulo, Unesco, 2012. Disponível em:

<https://docs.google.com/a/cenpec.org.br/file/d/0B7lubHg1MuZVNjFvYzg4NGdqQmc/edit?pli=1>. Acesso em 04/06/15.

\_\_\_\_\_. **Educomunicação**: um campo de mediações. In: CITELLI, A.; COSTA, M. C. C. (org). Educomunicação construindo uma nova área de conhecimento. São Paulo: Paulinas, 2011a.

\_\_\_\_\_. **Educomunicação**: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio. São Paulo: Paulinas, 2011.

\_\_\_\_\_. **Educomunicação**: um campo de mediações. In: Comunicação & Educação. São Paulo: ECA/USP. Editora Segmento, Ano VII, set./dez. 2000 n. 19.

TOURAINÉ, A. **A crise da modernidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. **Iguais e diferentes**. Poderemos viver juntos? Petrópolis, RJ: Vozes: 1998.

WOODWARD, K. **Identidade e diferença**: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. 1ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.